

Maria Madalena: Santa e Profana

Relatório final

O curso “Maria Madalena: Santa e Profana” foi extremamente importante, podendo nós seguir esta grande figura ao longo de dois mil anos de história do cristianismo. Mais do que os aspectos legendários em torno de Maria de Magdala, o que mais me tocou, pessoalmente, foi o seu protagonismo em algumas etapas dessa história cristã: primeiro, nos escritos gnósticos dos sécs. II a IV e, depois, na devoção e no culto na passagem da Alta para a Baixa Idade Média. Assim sendo, fui então à procura de elementos para completar essa reflexão, e aqui apresento, muito sucintamente, aquilo que pude apurar de mais relevante.

O papel da mulher na comunidade cristã

Como é sabido, as mulheres desempenharam um papel importante quer durante o ministério de Jesus Cristo – ao contrário da generalidade dos rabinos judaicos, Jesus permitia mulheres discípulas (cf. Lc 8, 1-3) –, quer no apostolado de Paulo – pois facilmente constatamos a presença de mulheres na direção das comunidades cristãs (cf. Rm 16). Contudo, como assinalaram E. Schüssler Fiorenza, há já alguns anos (1989: 86), e A. Valerio, bem mais recentemente (2021: 30-31), o ministério das mulheres tornou-se problemático – pelo menos nalgumas comunidades – e a Grande Igreja foi-se estruturando de acordo com o modelo patriarcal das sociedades mediterrânicas de então. A menção de Maria Madalena, quer nos livros canónicos, quer nos apócrifos, reflete claramente a tensão em torno do papel da mulher na Igreja. As *Constituições Apostólicas*, de finais do séc. IV, refletem ainda essa tensão e, como refere Fiorenza, excluem as mulheres do sacerdócio e colocam na boca de Maria Madalena expressões de inferioridade em relação aos homens (1989: 86), coisa bem distinta daquilo que acontecia nos escritos gnósticos.

Mas não são apenas os escritos gnósticos que valorizam o papel da mulher na Igreja. Também outros apócrifos, como os *Atos de Paulo e Tecla*, que, ao contrário do que é escrito nas chamadas cartas pastorais (cf. 1 Tm 2, 11), a mulher também batizava e ensinava. O protagonismo de Maria Madalena nos escritos gnósticos revela a importância do papel das mulheres na comunidade cristã e sublinha a centralidade da primeira mulher “apóstola”, na encenação do seu conflito com Pedro (Valerio, 2021: 31).

A mulher símbolo do pecado

Embora o papa Gregório Magno, nas suas homilias, tenha identificado Maria Madalena com três mulheres distintas dos evangelhos – influenciando decisivamente a visão medieval sobre Maria Madalena –, nem toda a gente o seguiu. A cristandade grega continuou a distinguir esses vários personagens. No Ocidente, houve também quem o fizesse. Georges Duby refere um sermão de inícios do séc. XI, o texto mais antigo que se conhece e que era lido na memória de Maria Madalena, a 22 de julho, que não faz a amálgama de S. Gregório Magno. Um monge clunicense descreve a Madalena à

luz da passagem evangélica de Lc 8, 1-3: era uma mulher afortunada, generosa e serviçal, que, curada dos seus males, se dedicou a seguir a Cristo (Duby, 1996: 36). Teria certamente em vista as mulheres da alta aristocracia que apoiavam, com os seus dons, a Ordem de Cluny.

Mas essa apresentação da Madalena é rara e rapidamente vai ser substituída por uma outra. No início do séc. XII, no contexto da bem conhecida Reforma Gregoriana, surgem sermões que identificam Maria Madalena com a mulher pecadora de Lc 7, 36-50. A identificação não é inocente. A purificação da Igreja (da secular, depois da monástica) passava pela imposição de uma moral aos homens, que eram repartidos em duas categorias: aqueles a quem estava rigorosamente proibido o uso das mulheres (monges) e os que deviam possuir apenas uma (casados), ou seja, a sua legítima mulher (Duby, 1996: 52). Estamos no início da explosão demográfica europeia e em pleno desenvolvimento das cidades, onde florescia também a prostituição, como uma “praga”. Por outro lado, a Igreja havia forjado o instrumento adequado para levar a cabo a reforma dos costumes e obrigar à observância dos preceitos: a confissão individual regular. A pecadora arrependida – Madalena, que é muitas vezes comparada a Maria Egípcíaca ou a Taís, exemplos de prostitutas convertidas – tornou-se modelo a imitar, para as mulheres pecadoras, e uma séria advertência para os homens que a elas recorriam.

Maria Madalena, apóstola

Nos últimos anos, tem-se vindo a recuperar a imagem bíblica de Maria Madalena, deixando de lado outras representações que foram usurpando, ao longo da história, a sua verdadeira personalidade: surge como discípula de Cristo (Lc 8, 1-3) e testemunha privilegiada da ressurreição (Jo 19, 25–20, 18).

Por isso é de assinalar, como esforço da Igreja católica em recuperar a figura de Maria Madalena e, através dela, de revalorizar o papel da mulher na comunidade eclesial, a recente criação, pelo papa Francisco, da festa litúrgica de S. Maria Madalena (22 de julho) – substituindo a antiga memória –, equiparando-a assim aos demais apóstolos, ao mesmo tempo que criava também uma comissão para estudar a possibilidade do restabelecimento do diaconado feminino no catolicismo (Valerio, 2016).

Referências:

- Duby**, Georges (1996). *Leonor de Aquitania y María Magdalena*. Madrid: Alianza Editorial.
- Fiorenza**, E. Schüssler (1989). *En memoria de ella: una reconstrucción teológico-feminista de los orígenes del cristianismo*. Bilbao: Desclée de Brouwer.
- Valerio**, Adriana (2016). *Il potere delle donne nella Chiesa: Giuditta, Chiara e le altre*. Bari-Roma: Editori Laterza.
- Valerio**, Adriana (2021). *Mary Magdalene: Women, the Church, and the Great Deception*. New York: Europa Editions.